

UM “ESPAÇO OUTRO”: A FRONTEIRA MÉXICO-ESTADOS UNIDOS EM *THE GUARDIANS*, DE ANA CASTILLO

Juliana Machado Meanda¹

RESUMO: O presente artigo analisa o espaço da fronteira México-Estados Unidos no romance da autora chicana Ana Castillo intitulado *The Guardians* (2007). Um de seus temas centrais é a migração e o fluxo transfronteiriço de pessoas na divisa entre os dois países, além da violência recorrente naquela área. São utilizados referenciais da história chicana, além de conceitos que refletem sobre “espaços outros”, como “zona de contato” (PRATT, 1999) e “heterotopia” (FOUCAULT, 2013).

Palavras-chave: Literatura chicana; Fronteira; Espaço; Migração.

ABSTRACT: This article analyzes the space of the Mexico-United States border in the novel by Chicana author Ana Castillo entitled *The Guardians* (2007). One of its central themes is migration and the flow of people across the border between the two countries, in addition to the recurrent violence in that area. References from Chicana/o history are used, in addition to concepts that reflect on “other spaces”, such as “contact zone” (PRATT, 1999) and “heterotopia” (FOUCAULT, 2013).

Keywords: Chicana/o literature; Borderland; Space; Migration.

Uma das autoras mais conhecidas e consagradas da literatura chicana, Ana Castillo possui uma obra que se estende por diversos gêneros. Prolífica poeta, romancista e crítica cultural, Castillo tem sido, desde o início de sua carreira, uma franca defensora da justiça social (LÓPEZ, 2011). É considerada uma das escritoras da primeira onda da literatura feminina chicana, geração que foi motivada a escrever como resultado do aumento da consciência política e do comprometimento com os ideais culturais do Movimento Chicano, que vinculavam o propósito da arte e da cultura à luta pela mudança socioeconômica e política (QUÍÑONEZ, 2002). O termo “chicana/o” implica assim uma consciência política, sendo uma designação autointitulada por aquelas/es que se identificam com questões culturais, sociais e políticas referentes à comunidade de estadunidenses de origem mexicana ou de mexicanas/os que vivem nos Estados Unidos. Castillo, nascida em Chicago em 1953, possui ascendência mexicana materna e se identifica com o termo chicana. O início de sua escrita se deu ao fim da década de 1970, continuando em atividade até os dias de hoje.

¹ Doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestra em Literaturas de Língua Inglesa (UFF).

The Guardians, romance de Ana Castillo publicado em 2007, tem como um dos temas centrais a migração e o fluxo transfronteiriço de pessoas na divisa entre México e Estados Unidos, além da violência recorrente nesse espaço, enfatizando o sofrimento que ela traz. O enredo se desenvolve por meio de quatro narradores: Regina, Gabo, Miguel e El Abuelo Milton a partir do desaparecimento de Rafa, irmão de Regina e pai de Gabo, ao tentar atravessar a fronteira México-Estados Unidos. Gabo, um adolescente de 15 anos, já havia perdido sua mãe Ximena sete anos antes, assassinada ao tentar atravessar o limite entre os dois países junto com outras três mulheres, todas mutiladas por seus órgãos. Miguel, um chicano politicamente ativo, professor e colega de trabalho de Regina, e Milton, avô de Miguel, ajudam Regina e Gabo a procurar Rafa e expressam suas perspectivas em relação à vida e à história das pessoas de ascendência mexicana nos Estados Unidos. Apesar de a narração ser feita pelos quatro personagens mencionados, a protagonista da trama é Regina, uma chicana de cerca de 50 anos de idade, sem filhos e viúva de um combatente no Vietnã, que vive sozinha em uma área desértica da pequena cidade fronteiriça (fictícia) de Cabuche, no lado dos Estados Unidos.

A obra desperta reflexões acerca do contexto diaspórico das pessoas que vivem em trânsito entre as duas nações, trazendo assim o âmbito histórico do território do sudoeste dos Estados Unidos: a conquista, anexação e colonização do México e, atualmente, a migração transnacional. Como aponta a professora de Estudos Chicanos Marissa López (2011), *The Guardians* é um drama familiar sobre imigrantes mexicanos no limiar Texas-Novo México-México no início dos anos 2000, narrando a história de uma família que luta com as realidades geopolíticas de uma fronteira pós 11 de setembro. O livro flerta com o gênero da narrativa criminal, por abordar diversos tipos de violência e crimes, mas acaba se tornando mais um drama, por representar com maior ênfase a fragmentação de uma família devido à brutalidade da travessia entre os dois países. São abordados os diversos atores envolvidos em esquemas criminosos, tais como traficantes de drogas e de órgãos – esses últimos que mataram a mãe de Gabo –, além de membros de gangues e coiotes – termo coloquial que designa contrabandistas de imigrantes ilegais aos Estados Unidos. Logo no início da narrativa,

Regina comenta acerca da espera de seu irmão e sobre alguns dos marginais que habitam a fronteira²:

Estamos esperando há uma semana, eu e Gabo – pelo retorno de seu pai. Ele tem andado de um lado para outro através daquele deserto, esquivando-se da Patrulha da Fronteira tantas vezes que você pensaria que ele nem precisaria mais de um coioote. O problema é que os coiootes e os narcos são os donos do deserto agora. [...] Os traficantes de drogas e os traficantes de corpos. Quais são piores? Não sei dizer.³ (CASTILLO, 2007, p. 4)

Todos esses personagens fronteiriços apresentados por Castillo levam a uma indagação acerca desse espaço singular. Como ponto de partida, é importante lembrar que a demarcação territorial, tal qual a conhecemos hoje, foi estabelecida após a Guerra Estados Unidos-México, encerrada pela assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, o mais antigo acordo ainda em vigor entre os dois países e que estabeleceu um padrão de desigualdade entre ambos (GRISWOLD DEL CASTILLO, 1990). Em 2 de fevereiro de 1848, o Congresso mexicano ratificou esse documento, através do qual o México cedeu cerca de metade de seu território para os Estados Unidos (ACUÑA, 2015). Assim, através desse documento, mais de 115.000 mexicanos que habitavam as terras cedidas se tornaram cidadãos americanos (GÓMEZ, 2007). Nas palavras do historiador chicano:

As raízes do Movimento Chicano, e por certo de toda a experiência política e social mexicano-americana, podem ser encontradas no século XIX. Os mexicano-americanos⁴ são um produto da Guerra Estados Unidos-México de 1846-48. Um dos principais resultados desse conflito foi a concessão de cidadania americana aos moradores das terras mexicanas cedidas.⁵ (CHÁVEZ, 2002, p. 1)

² Todas as traduções livres são de minha autoria, e as respectivas citações originais constam em notas de rodapé.

³ “We’ve been waiting a week, me and Gabo – for his dad to come back. He’s been back and forth across that desert, dodging the Border Patrol so many times, you’d think he wouldn’t even need a coyote no more. The problem is the coyotes and narcos own the desert now. [...] The drug traffickers and body traffickers. Which are worse? I can’t say.”

⁴ Nas traduções de “*Mexican American*” e/ou “*Mexican-American*” optei por utilizar o termo mais recorrente “mexicano-americano/a”, embora o considere falho por aceitar a apropriação, por parte dos Estados Unidos, do termo “americano/a”, que, a rigor, se refere a pessoas de todo o continente, e não apenas às de um país. Em outros momentos, utilizo o termo “estadunidense” no lugar dos mais usuais “americano/a” ou “norte-americano/a”, por deixar mais claro o país da América do Norte que está sendo referido.

⁵ “The roots of the Chicano movement, indeed of all Mexican-American political and social experience can be found in the nineteenth century. Mexican Americans are a product of the U.S.-Mexico War of 1846-48. One of

De tal modo, ao redesenhar a fronteira entre os dois países, o Tratado de Guadalupe Hidalgo criou um novo grupo étnico, de mexicano-americanos, praticamente da noite para o dia. Uma grande parte do México passou a pertencer aos Estados Unidos, tornando uma parcela da população daquele país estrangeira em sua própria terra, apesar da concessão de cidadania estadunidense aos residentes das terras cedidas. Dessa forma, de acordo com a professora de Direito e de Teoria Crítica da Raça Laura E. Gómez, (2007, p. 2), “[...] os primeiros mexicano-americanos [...] se uniram à sociedade americana involuntariamente, não como imigrantes, mas como um povo conquistado pela guerra. Como os mexicano-americanos dizem: ‘Nós não cruzamos a fronteira, a fronteira nos cruzou’”⁶. Assim, o Tratado de Guadalupe Hidalgo estabeleceu uma divisa que se estende por mais de 3.000 quilômetros ao longo da porção sudoeste dos Estados Unidos (JIMÉNEZ, 2010).

Além disso, toda a ofensiva de dominação dos Estados Unidos sobre o México adotou uma teoria como base: o Destino Manifesto, um conjunto de crenças nacionalistas e expansionistas imbuídas pela religião e pela ética protestante. Tal doutrina serviu como princípio legitimador para a ocupação e anexação de territórios do sudoeste dos Estados Unidos durante o século XIX. Destino Manifesto foi um conjunto de ideias que se basearam no racismo para justificar uma guerra contra o México, ou seja, foi a ideologia utilizada pelos estadunidenses como justificativa para a colonização daquele país, inexoravelmente entrelaçada à questão de raça e ao racismo (GÓMEZ, 2007). Esse ideal etnocêntrico preconizava que os Estados Unidos eram os encarregados de propagar os benefícios da democracia para os povos “inferiores” do continente (GRISWOLD DEL CASTILLO, 1990). Regina lembra das palavras de Miguel sobre esse tema: “Uma vez, há muito tempo, o Texas era o México. [...] Tudo girava em torno do Destino Manifesto – a filosofia WASP⁷ de que os Estados Unidos tinham o direito de expandir seus territórios”⁸ (CASTILLO, 2007, p. 59).

the key outcomes of that conflict was the granting of American citizenship to the residents of the ceded Mexican lands.”

⁶ “[...] the first Mexican Americans [...] joined American society involuntarily, not as immigrants, but as a people conquered in war. As Mexican Americans sometimes say, ‘We didn’t cross the border, the border crossed us.’”

⁷ WASP é um acrônimo em inglês, que significa “White, Anglo-Saxon and Protestant” (Branco, Anglo-Saxão e Protestante).

⁸ “Once upon a time Texas was Mexico. [...] It was all about Manifest Destiny – the WASP philosophy that the U.S. had a right to expand its territories.”

Essa ideologia fica clara também na época em que se passa a narrativa de *The Guardians*, período da presidência de George W. Bush, que declarou “Guerra ao Terror” após os episódios de 11 de setembro de 2001, atacando o Afeganistão e posteriormente o Iraque. Regina comenta sobre a “guerra de Bush”: “Toda noite eu me sento à frente da minha TV com uma tigela de lentilhas [...] Eles mostram as fotos de soldados americanos que morreram naquele dia na guerra de Bush”⁹ (CASTILLO, 2007, p. 57-58). Fica claro que toda essa ideologia, que une religião e desejo de dominação, persiste no imaginário estadunidense:

A justificativa para a Guerra Mexicano-Americana em 1846 foi o Destino Manifesto, uma doutrina religiosa com raízes em ideias calvinistas e puritanas, importante porque influencia a política externa dos Estados Unidos até hoje. Segundo a doutrina, Deus determina a salvação e Ele pré-destinou a raça europeia para a salvação. Os Estados Unidos foram a terra escolhida e os americanos o povo escolhido por Deus.¹⁰ (ACUÑA; COMPEÁN, 2008, p. 71)

Assim, aliando poder econômico, desejo de expansão e conquista de terras ao preconceito racial, foi somada ainda uma alegação divina, formando as bases da ideologia hegemônica dos Estados Unidos em sua própria formação. Nas palavras da historiadora, feminista, educadora e ativista chicana de longa data Elizabeth “Betita” Martínez (1998, p. 46): “O conceito do Destino Manifesto, com a sua afirmação de superioridade racial sustentada pelo poder militar, definiu a identidade estadunidense por 150 anos. Apenas a Guerra do Vietnã trouxe um sério desafio a esse conceito de onipotência”¹¹. Há então dois embates militares marcantes para a compreensão da trajetória histórica, política e social dos chicanos: a Guerra Estados Unidos-México no século XIX (1846-1848) e a Guerra do Vietnã no século XX (1955-1975). Em relação a essa última, Ernesto Chávez (2002) comenta sobre as razões que levaram às manifestações políticas do Movimento Chicano, afirmando que a

⁹ “Every evening I sit in front of my TV with a bowl of lentejas [...] They show the pictures of American soldiers who have died that day in Bush’s war.”

¹⁰ “The rationale for the Mexican-American War in 1846 was ‘Manifest Destiny,’ a religious doctrine with roots in Calvinist and Puritan ideas. It is important because it influences U.S. foreign policy to this day. According to the doctrine, God determines salvation, and He pre-destined the European race for salvation. The United States was the chosen land and Americans God’s chosen people.”

¹¹ “The concept of Manifest Destiny, with its assertion of racial superiority sustained by military power, has defined U.S. identity for 150 years. Only the Vietnam War brought a serious challenge to that concept of almightiness.”

Guerra do Vietnã teve um efeito profundo na juventude chicana das décadas de 1960 e 1970 e que a alta proporção de mexicano-americanos lutando e morrendo no sudeste asiático, somada à maior conscientização desses jovens sobre questões sociais, levou a um vigoroso protesto contra a guerra. Em *The Guardians*, Regina é viúva de um soldado morto no Vietnã, e ela comenta sobre a questão territorial: “Essas terras, esse deserto impiedoso – pertencia a nós primeiro, aos mexicanos. Antes disso, pertencia aos apaches”¹² (CASTILLO, 2007, p. 5).

Um importante legado do Movimento Chicano foi a sua promoção de uma conscientização histórica particular: o sudoeste dos Estados Unidos é de fato o “México ocupado”, e os mexicano-americanos e os indígenas são “povos colonizados”, cujos direitos foram violados, apesar das garantias do Tratado de Guadalupe Hidalgo (GRISWOLD DEL CASTILLO, 1990). Tal organização buscava desfazer a fragmentação e a alienação enfatizando o que havia em comum, como a língua (o bilinguismo espanhol-inglês), o compartilhamento de condições culturais comuns de opressão econômica e política e uma geografia perdida ou um legado de conquista (FREGOSO; CHABRAM, 1990). Desse modo, Aztlán, a lendária terra natal dos astecas, foi reivindicada pelo nacionalismo cultural chicano como o lugar mítico da nação dessa etnia, fornecendo uma base para um regresso às raízes, para um retorno a uma identidade anterior à dominação e à subjugação (FREGOSO; CHABRAM, 1990). O professor de história John R. Chávez (1984) aponta que, ao fim da década de 1960, um desejo profundo de recuperação daquele território reapareceu em repetidas alusões à antiga terra natal asteca de Aztlán, tradicionalmente localizada no sudoeste dos Estados Unidos. Aztlán foi então tomada como uma espécie de paraíso perdido, simbolizando um terreno comum, como uma pátria perdida dos chicanos.

Em relação à fronteira geopolítica entre o México e os Estados Unidos, a respeitada teórica de Estudos Chicanos Norma Alarcón (2002) aponta que essas áreas fronteiriças são espaços onde, como resultado de guerras expansionistas, colonização, policiamento, exploração coíote, dentre outras, formações de violência estão continuamente em andamento. Ela acrescenta ainda que essas agressões vêm ocorrendo, como confrontos misóginos e racializados, pelo menos desde que os espanhóis começaram a estabelecer a fronteira “norte” do México (Nova Espanha) do que hoje é o sudoeste incompletamente angloamericanizado. A

¹² “These lands, this unmerciful desert – it belonged to us first, the Mexicans. Before that it belonged to los Apaches.”

estudiosa chama atenção tanto para a questão do racismo como para a do machismo, que coloca as mulheres de etnia subalternizada em condição ainda mais vulnerável nesse espaço liminar. John R. Chávez (1984, p. 2) complementa que “os chicanos vêem o sudoeste como uma extensão do México e da América Latina, uma região mexicana que se estende para além do que é considerado como uma fronteira internacional artificial”¹³.

A consagrada escritora e teórica chicana Gloria Anzaldúa observa, já no prefácio de sua notável obra *Borderlands/La Frontera* (1987), que esse espaço não é um território confortável para se viver, qualificando-o como um lugar de contradições. Ela evidencia a separação do povo mexicano por uma demarcação arbitrária, conquistada pela violência e marcada por uma relação de poder: “A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo raspa contra o Primeiro e sangra. E antes que uma casca se forme, ela volta a sangrar, a força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país – uma cultura fronteira”¹⁴ (ANZALDÚA, 1987, p. 3). Evidencia-se de tal forma a característica de imposição de valores e demarcações de limites geográficos construídos por aqueles que detêm o poder, devido a interesses políticos e econômicos, e ao mesmo tempo, a oportunidade de criação de um terceiro espaço, um “outro” lugar. A fronteira é assim marcante para os chicanos, relacionada não apenas à divisão física, mas também como um aspecto metafórico, que aponta para questões internas dos sujeitos. A socióloga Avtar Brah reflete sobre como o aspecto metafórico desse espaço se insere na realidade concreta:

Fronteiras são construções arbitrárias. Portanto, em um certo sentido, elas são sempre metáforas. Mas, longe de serem meras abstrações de uma realidade concreta, metáforas fazem parte da materialidade discursiva das relações de poder. Metáforas podem servir como poderosas inscrições dos efeitos das fronteiras políticas.¹⁵ (BRAH, 1996, p. 195)

¹³ “[...] Chicanos view the Southwest as an extension of Mexico and Latin America, a Mexican region spreading beyond what is regarded as an artificial international boundary.”

¹⁴ “The U.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country – a border culture.”

¹⁵ “Borders are arbitrary constructions. Hence, in a sense, they are always metaphors. But, far from being mere abstractions of a concrete reality, metaphors are part of the discursive materiality of power relations. Metaphors can serve as powerful inscriptions of the effects of political borders.”

Já a crítica literária e linguista Mary Louise Pratt cunha a expressão “zona de contato” para denotar os “[...] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação [...]” (PRATT, 1999, p. 27), lembrando ainda que “se os povos subjulgados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam” (PRATT, 1999, p. 30-31). Desse modo, zona de contato é o espaço de encontros coloniais, de relações de coerção e desigualdade, também denominado por ela como “fronteira colonial” (PRATT, 1999). A teórica prossegue em sua análise sobre as relações que se estabelecem ali:

[...] “zona de contato” é uma tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por discontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam. [...] Uma “perspectiva de contato” põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. (PRATT, 1999, p. 32)

Dessa forma, apesar da ideia de segmentação que a imagem da fronteira traz, há que se considerar o aspecto de trânsito, a mobilidade que sempre houve naquela região apesar das restrições e crescente vigilância. De tal modo, “as pessoas de origem mexicana ocupam um *status* único na sociedade americana contemporânea: estão entre os mais novos e mais antigos grupos étnicos nos Estados Unidos”¹⁶ (CAMARILLO, 2007, p. 504). Os mexicanos então se transformaram da condição de nativos do que uma vez foi o noroeste do México, para a de imigrantes. “Especialmente nos últimos 100 anos, a imigração mexicana, em quatro ondas sucessivas, reforçou a concentração geográfica do grupo no sudoeste dos Estados Unidos, onde a grande maioria das pessoas de origem mexicana sempre viveu”¹⁷ (CAMARILLO, 2007, p. 504). Assim, “[...] para os chicanos o sudoeste é mais do que apenas o seu local de

¹⁶ “People of Mexican origin occupy a unique status in contemporary American society: they are among the newest and oldest of ethnic groups within the U.S.”

¹⁷ “Especially over the past 100 years, Mexican immigration, in four successive waves, reinforced the group’s geographic concentration in the American Southwest, where the great majority of Mexican-origin people have always lived.”

residência; é a sua pátria, mais precisamente a sua pátria perdida, a metade do norte conquistada da nação mexicana”¹⁸ (CHÁVEZ, 1984, p. 1).

A imigração tem sido uma característica proeminente e relativamente permanente da experiência daqueles de origem mexicana ao longo do século XX e também no novo milênio (JIMÉNEZ, 2010). Embora as circunstâncias que motivam a migração tenham mudado drasticamente ao longo do tempo, um objetivo une todos os que se deslocam para o norte: a busca por oportunidades para melhorar sua qualidade de vida (CAMARILLO, 2007). Desde a demarcação da fronteira como atualmente é reconhecida, os Estados Unidos receberam diversas ondas de imigração vindas do México, muitas vezes por seu próprio interesse e incentivo, a exemplo do programa *bracero* e das *maquiladoras*, sendo ambos demandas por mão de obra com nenhuma ou pouca qualificação para trabalhos braçais, de baixa remuneração. Em *The Guardians*, Regina comenta sobre seu passado de pobreza e trabalho árduo, quando cruzava a fronteira para trabalhar nas colheitas com sua família: “Mamãe nos levou, com nossos poucos pertences [...] Ela veio de uma família muito pobre. Então começamos a atravessar para os Estados Unidos para trabalhar nas colheitas”¹⁹ (CASTILLO, 2007, p. 28).

De tal forma, a divisa se faz mais ou menos permeável de acordo com as demandas estadunidenses, especialmente por mão de obra barata. A Patrulha da Fronteira dos Estados Unidos foi estabelecida somente ao final da década de 1920, sendo que, antes disso, o limite internacional de cerca de 3.000 quilômetros era desprotegido; mesmo durante a década de 1940, aqueles que queriam entrar ilegalmente podiam fazê-lo com facilidade (CAMARILLO, 2007). Milton, o narrador mais velho da obra de Castillo, fala sobre o preconceito étnico-racial que viveu e também sobre a questão do patrulhamento da divisa: “Eu não frequentei a escola. Nunca gostei. A segregação das crianças mexicanas terminou por volta dessa época, mas ainda havia muitas atitudes racistas”²⁰ (CASTILLO, 2007, p. 71). E prossegue: “A Patrulha da Fronteira começou em 1924, o ano em que eu nasci. Nessa época os mexicanos

¹⁸ “[...] to Chicanos the Southwest is more than just their place of residence; it is their homeland, their lost homeland to be more precise, the conquered northern half of the Mexican nation.”

¹⁹ “Mamá took us, with our few belongings [...] She came from very poor people. Then we started crossing over to the States to work the harvests.”

²⁰ “I didn’t go to school. I never liked it. Segregation of los Mexican kids ended about that time but there was still a lot of racist attitudes.”

eram fugitivos em nossa própria terra”²¹ (CASTILLO, 2007, p. 72). Milton comenta ainda sobre os *braceros* e como eles trabalhavam sem qualquer direito:

Aquele não foi o primeiro programa de trabalho visitante que eles criaram aqui para obter mão de obra mais barata. Os trabalhadores cederam todos os seus direitos. Eles nem sabiam o que estavam assinando, já que tudo estava em inglês. [...] Eles não receberam nada, senhorita, apenas um grande chute no traseiro de volta ao México quando não eram mais úteis.²² (CASTILLO, 2007, p. 72-73)

Durante as décadas de 1970 e 1980 ocorreu uma renovada migração de mexicanos para o sudoeste, quase todos trabalhadores indocumentados, comumente chamados de “*illegal aliens*” (estrangeiros ilegais), que foi de longe uma das questões chicanas mais discutidas nos meios de comunicação anglos da época (CHÁVEZ, 1984). Já durante a década de 1990, o governo de Bill Clinton aumentou fortemente a militarização da fronteira através da construção de cercas e do uso da mais recente tecnologia de vigilância, instalando luzes de estádio e guarnecendo aquele território com milhares de agentes da Patrulha da Fronteira (JIMÉNEZ, 2010). Toda essa militarização de pontos de entrada urbanos redirecionaram o tráfico de imigrantes para áreas mais remotas, especialmente para zonas de deserto e travessia de rios, rotas que fizeram o cruzamento mais perigoso e custoso, demandando a contratação de coiotes, ou contrabandistas de imigrantes (JIMÉNEZ, 2010). Contudo, o aumento da vigilância da divisa tem efetivamente mantido os imigrantes não autorizados dentro, e não fora dos Estados Unidos (JIMÉNEZ, 2010). A estudiosa especialista em diversidade e inclusão Susana Rinderle enfatiza o fator econômico entre os dois países:

A necessidade econômica é sem dúvida a principal razão para o deslocamento da diáspora mexicana e uma característica vital da relação neocolonial entre os Estados Unidos e o México. Essa necessidade é resultado da colonização e sua correspondente história de exploração e

²¹ “The Border Patrol got started up in 1924, the year I was born. That’s when Mexicans got to be fugitives on our own land.”

²² “That wasn’t the first guest worker program they set up here to get cheaper labor. Los obreros signed away all their rights. They didn’t even know what they were signing since everything was in English. [...] They got nothing, señorita, just a big kick in the trasero back to México when they weren’t needed no more.”

extração de recursos naturais e de força de trabalho do México.²³ (RINDERLE, 2005, p. 297)

De tal forma, a ideia de trânsito está relacionada à experiência dos chicanos, com sua ascendência mexicana e vivência estadunidense, e em suas mobilidades através da fronteira. Brah (1996) considera que, juntos, os conceitos de fronteira e diáspora fazem referência a uma política de localização, a qual descreve como uma posição de localidade multiaxial, afirmando ainda que uma característica regular do posicionamento diaspórico são as contradições de e entre localização e deslocamento. Ela analisa a noção de uma política de localização como um posicionamento em contradição – isto é, uma posicionalidade de dispersão; de localização simultânea dentro de espaços de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, idade; de movimento através de mutáveis limites culturais, religiosos e linguísticos; de jornadas através de fronteiras geográficas e psíquicas (BRAH, 1996). Gabo, sobrinho de Regina e o narrador mais jovem de *The Guardians*, rememora momentos difíceis que passou ao atravessar a fronteira junto de sua família:

Uma vez, quando estávamos atravessando para a Califórnia, minha irmã ficou tão desidratada que estávamos certos de que ela iria morrer. [...] O coioote tinha acabado de nos deixar, e não tínhamos mais utilidade para ele, uma vez que já estava com seu dinheiro. [...] A situação ficou tão ruim que não tivemos escolha a não ser beber a nossa própria urina. É nojento admitir, mas isso nos salvou.²⁴ (CASTILLO, 2007, p. 87)

Ao se refletir sobre o espaço da fronteira, pode ser estabelecido também um diálogo com o conceito de heterotopia apresentado por Michel Foucault em uma conferência no ano de 1967, cujo texto foi publicado no original, em francês, em 1984 e traduzido para o português em 2013 sob o título “De espaços outros”. Nele, o autor aborda a importância de uma história do espaço, afirmando que “[...] o problema do local ou da alocação se propõe para os homens em termos demográficos” (FOUCAULT, 2013, p. 114). Ele descreve as

²³ “Economic necessity is arguably the main reason for the displacement of the Mexican diaspora, and a vital feature of the neocolonial relationship between the United States and Mexico. This necessity is a result of colonialization and its corresponding history of exploitation and the extraction of natural resources and labor power from Mexico [...]”

²⁴ “One time, back when we were crossing into California, mi hermana became so dehydrated we were sure she was going to die. [...] The coyote had just left us out there, having no use for us once he had his money. [...] It got so bad, we had no choice but to drink our own urine. It is disgusting to admit, but it saved us.”

heterotopias como “[...] lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 115), em oposição às utopias – alocações sem lugar real, isto é, espaços irreais. Ele denomina heterotopologia a sua tentativa de “uma espécie de descrição sistemática” das heterotopias, apontando seis princípios que as caracterizam, porém de uma forma um tanto vaga.

Como reflete o notável geógrafo político e teórico urbano Edward Soja (1996, p. 159): “Didático e antididático ao mesmo tempo, Foucault percorre rapidamente os ‘princípios’ da heterotopologia com um prazer autobiográfico não sistemático e uma irresponsabilidade desordenada”²⁵. As seis características das heterotopias descritas por Foucault em seu texto são mencionadas por Soja (1996): universalidade (são encontradas em todas as culturas), adaptação (podem mudar em função e significado ao longo do tempo), justaposição de diferentes espaços em um só (os quais seriam incompatíveis a princípio), heterocronia (a questão do tempo, a temporalidade), permeabilidade seletiva (ao mesmo tempo isoladas e penetráveis) e função ilusória e compensatória (em relação ao espaço que permanece fora delas). Assim, Soja (1996) afirma que, embora as heterotopias de Foucault sejam frustrantemente incompletas, inconsistentes e incoerentes, elas são também maravilhosas e frutíferas incursões na jornada pelo Terceiro Espaço, nos lugares que a diferença produz, nas geohistórias da alteridade.

Fronteiras são certamente universais, no sentido de estarem presentes em todas as culturas ao redor do mundo, sejam elas nacionais, delimitadas por questões políticas, ou referentes a qualquer outro tipo de território. A questão da adaptação é igualmente clara, como apontada nesse texto, já que mesmo a divisa entre México e Estados Unidos foi mudando não apenas fisicamente, mas também em relação ao seu significado, que engloba a questão territorial e vai ainda mais além, envolvendo cultura, língua, gênero, etnia, etc., como bem apontado por Brah (1996), uma vez que pensar o espaço é também pensar o corpo e as subjetividades. A sobreposição de espaços é similarmente nítida entre os dois países, já que, mesmo havendo uma demarcação territorial, ela não é absoluta, pois há uma justaposição de espaços e de pessoas que os cruzam, e mais ainda, das culturas que transitam por ela. A

²⁵ “Didactic and anti-didactic at the same time, Foucault romps through the ‘principles’ of heterotopology with unsystematic autobiographical enjoyment and disorderly irresponsibility.”

temporalidade é do mesmo modo crucial nessa fronteira, que mesmo oficialmente teve suas delimitações alteradas e foi habitada por diferentes grupos étnicos ao longo dos séculos.

É interessante apontar ainda que Soja (1996) percebe a quinta característica, da permeabilidade seletiva, como uma espécie de vigilância, e que, embora não apontada explicitamente por Foucault em seu texto, implicitamente nessa regulação de abertura e fechamento estão as engrenagens do poder – o que está intimamente relacionado ao espaço da fronteira aqui analisada. A permeabilidade seletiva da divisa México-Estados Unidos é facilmente exemplificada através dos diversos programas que abrem as fronteiras, geralmente fechadas e policiadas, especialmente quando há interesse econômico dos Estados Unidos por mão de obra barata. Esses programas não concedem direitos aos trabalhadores, que são explorados enquanto úteis economicamente e depois descartados, como narrado por Milton sobre os *braceros* no livro de Castillo.

Considerando a função ilusória e compensatória da fronteira, que é sem dúvida um espaço ameaçador, pelos diversos perigos que abriga, inclusive o risco de morte, mas ao mesmo tempo é idealizada como uma passagem para uma nova vida, que traz uma esperança, uma promessa do tão almejado “sonho americano”. A protagonista Regina comenta sobre o Grupo Beta, uma agência governamental mexicana que trabalha no sentido de desencorajar a migração ilegal aos Estados Unidos e tem em seu escritório um cartaz na parede com os seguintes dizeres, em espanhol: “A busca de um sonho americano pode ser seu pior pesadelo”²⁶ (CASTILLO, 2007, p. 115). Essa afirmação é confirmada pelas várias histórias das personagens do livro, como a morte da mãe de Gabo e o desaparecimento de seu pai, que Milton indica não ser um caso isolado, muito pelo contrário: “As fronteiras se tornaram como o Triângulo das Bermudas. Cedo ou tarde, todo mundo conhece alguém que desapareceu de vista”²⁷ (CASTILLO, 2007, p. 132). Contudo, apesar dessa alusão a uma localização geográfica que “some” com pessoas, fica muito claro no livro de Castillo que a maior responsabilidade pela violência, desaparecimentos e mortes na região é da política de fronteira estadunidense e de todos os interesses políticos e econômicos envolvidos.

²⁶ “La búsqueda de un sueño americano puede ser tu peor pesadilla.”

²⁷ “The borderlands have become like the Bermuda Triangle. Sooner or later everyone knows someone who’s dropped outta sight.”

A professora de Ficção Latina dos Estados Unidos Caminero-Santangelo (2010) analisa algumas obras de ficção que tratam da divisa, incluindo *The Guardians*, afirmando que a fronteira como paisagem de morte e desaparecimento é uma presença iminente em vários trabalhos da década de 2000, que exploram os efeitos coercitivos políticos nas vidas – e nas mortes – de migrantes. Ela comenta ainda sobre o termo “*el otro lado*” e seus significados; tanto em relação ao “outro lado” da divisa, como ao “outro lado” da própria vida, ou seja, a morte, citando uma passagem em que a protagonista Regina elabora autoconscientemente essa questão e indica maneiras pelas quais os dois significados tornaram-se cada vez mais um só nas narrativas de cruzamento de fronteira, uma vez que atravessá-la para o norte inevitavelmente traz consigo o risco de morte. Além disso, esse “outro lado” pode ainda ser interpretado como o lado oculto ou sobrenatural da vida, ligado à esfera espiritual, como quando Regina invoca seu arcanjo para problemas que estão além de seu controle, conforme presente na passagem em questão, que se trata de um comentário de Regina a respeito de quando conheceu Miguel, que deu a ela a opção de chamá-lo também por Mike. Ela então comenta:

Escolhi Miguel porque lembra meu arcanjo favorito. Invoco o arcanjo Miguel sempre que preciso de ajuda séria, com esse lado e com o outro. Com isso quero dizer aqui e do outro lado da fronteira no México e quero dizer essa vida e o que quer que esteja do Outro Lado.²⁸ (CASTILLO, 2007, p. 27)

Sobre o cruzamento da fronteira em si, mais adiante na narrativa Regina tece um comentário sobre os perigos de se atravessar esse território, enfatizando ao final que todos os perigos são sempre maiores para as mulheres: “Você viaja por sua conta e risco. Você está à mercê de tudo o que é conhecido pela humanidade e pela natureza. Há clima e terra severos, o rio e o deserto. [...] O que quer que aconteça com os homens, na minha opinião, é pior para as mulheres”²⁹ (CASTILLO, 2007, p. 117). Assim, Ana Castillo traz também a questão do gênero para reflexão, evidenciando sua vertente feminista, que remete ao seu conceito de

²⁸ “I decided on Miguel because it reminds me of my favorite archangel. I call upon arcángel Miguel whenever I need serious help, with this side and the other side. By that I mean here and across the border in México and I mean this life and whatever’s on the Other Side.”

²⁹ “You travel at your own risk. You are at the mercy of everything known to mankind and nature. There is the harsh weather and land, the river and desert. [...] Whatever happens to men, in my opinion, is worse for women.”

Xicanismo, o feminismo chicano, apresentado em sua renomada obra de teoria intitulada *Massacre of the Dreamers: essays on Xicanisma*, cuja primeira edição foi publicada em 1994. Desse modo, *The Guardians* traz diversos questionamentos à tona, evidenciando a complexidade de fatores envolvidos no cruzamento da divisa, propondo reflexões e tecendo críticas importantes a respeito dessa questão:

Em vez de elaborar contos morais alegóricos ou humanizar seus personagens em abstração metafórica, Castillo afirma que pessoas reais, como as personagens de seu romance, levam vidas reais condicionadas por forças geopolíticas além de seu controle ou conhecimento, nas quais a literatura tem o potencial de fazer uma intervenção.³⁰ (LÓPEZ, 2011, p. 153)

As personagens desse romance representam diversos *status* legais e gerações de imigrantes: desde Abuelo Milton, o mexicano-americano com uma longa memória em relação a racismo, discriminação e construção da fronteira, passando por Miguel, o professor radical chicano, por Regina, de *status* legalizado por ser viúva de um militar, até seu sobrinho Gabo, jovem que permanece sem documentos; e como todos participam da busca pelo pai perdido de Gabo, Castillo sugere que a busca é comunitária e coletiva (CAMINERO-SANTANGELO, 2010). Além disso, o desaparecimento de Rafa tem um efeito de sinédoque, ou seja, não é a história de um indivíduo apenas, mas a história de “centenas todos os anos” (CAMINERO-SANTANGELO, 2010). A obra representa assim a comunidade chicana de maneira diversa em relação a gênero, idade e grau de envolvimento em relação ao ativismo, mas ao mesmo tempo evidencia as dificuldades em comum. A narrativa de Castillo constrói a identidade mexicana e mexicano-americana como comunitária através de uma complexa “história compartilhada”, que inclui desapropriação, discriminação, exploração de trabalho e desaparecimentos na fronteira (CAMINERO-SANTANGELO, 2010).

Apesar de em muitos momentos a narrativa mostrar os “inimigos” mais diretos dos imigrantes, como os coiotes, de forma alguma a questão é simplificada a ponto de mostrá-los como as únicas adversidades que envolvem a travessia. Pelo contrário, são muitos os fatores apontados na obra como problemáticos e fica evidente que toda a violência naquele espaço

³⁰ “Rather than crafting allegorical morality tales or humanizing her characters into metaphorical abstraction, Castillo asserts that real people, like the characters in her novel, lead real lives conditioned by geopolitical forces beyond their control or ken, in which literature has the potential to make an intervention.”

tem múltiplos responsáveis. Como aponta Caminero-Santangelo (2010, p. 322): “Imaginar uma solução para o problema das mortes na fronteira, portanto, exigiria uma compreensão abrangente de muitas causas interligadas, em vez de uma identificação simplista de qualquer culpado individual [...]”³¹. Isso fica claro na seguinte fala de Regina:

E se não tivesse havido guerra, e se nenhum dinheiro pudesse ser ganho matando pessoas sem documentos por seus órgãos? E se esse país aceitasse totalmente que precisa de mão de obra barata do sul e abrisse a fronteira? E as pessoas não gostassem de drogas, de modo que tentar vendê-las não faria sentido?³² (CASTILLO, 2007, p. 29)

Nesse trecho Castillo enumera algumas das inúmeras dificuldades que afetam a migração de mexicanos aos Estados Unidos, desde a guerra, passando pelo tráfico de órgãos, exploração do trabalho e tráfico de drogas, evidenciando quão complexa é essa questão. Assim, *The Guardians* é uma obra que traz diversas denúncias e discussões a respeito desse “espaço outro” que é a fronteira, com seus inúmeros problemas, desafios e possibilidades. O que se percebe é que as divisas culturais são muito permeáveis e as divisas, cada vez mais transbordantes, colocam questões de cidadania, migração e pertencimento na ordem do dia. Por trás de ataques a imigrantes nos Estados Unidos, reside uma ansiedade euro-estadunidense que com frequência focaliza em um senso de desaparecimento da identidade nacional (MARTÍNEZ, 1998), e a literatura chicana contribui para promover um diálogo intercultural que favorece um maior entendimento em relação ao lado mais frágil e explorado dessa divisa, oferecendo novas visões a respeito das relações entre as culturas mexicana e estadunidense e abrindo novas possibilidades de convivência. Por fim, é marcante a dedicatória desse romance, escrita por Ana Castillo: “A todos que trabalham por um mundo sem fronteiras e a todos que ousam atravessá-las”³³. A autora deixa clara a sua posição de defensora da justiça social, unindo arte e vida, ficção e questões reais de extrema importância,

³¹ “Imagining a solution to the problem of border deaths, then, would require a comprehensive understanding of many interlocked causes, rather than a simplistic pinpointing of any individual culprit [...]”

³² “What if there had been no war and what if no money could be made on killing undocumented people for their organs? What if this country accepted outright that it needed the cheap labor from the south and opened up the border? And people didn’t like drugs so that trying to sell them would be pointless?”

³³ “To all working for a world without borders and to all who dare to cross them.”

dando voz a diversos personagens desse contexto complexo e humanizando aqueles que, por diversos motivos, se colocam em risco continuamente.

Referências

ACUÑA, Rodolfo F. *Occupied America: a history of Chicanos*. 8. ed. New York: Pearson, 2015.

_____; COMPEÁN, Guadalupe (eds.). *Voices of the U.S. Latino Experience*. Connecticut: Greenwood Press, 2008.

ALARCÓN, Norma. Anzaldúa's Frontera: Inscribing Gynetics. In: ALDAMA, Arturo J.; QUIÑONEZ, Naomi H. *Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London; New York: Routledge, 1996.

CAMARILLO, Albert M. Mexico. In: WATERS, Mary C.; UEDA, Reed (eds.). *The New Americans: a guide to immigration since 1965*. Massachusetts: Harvard University Press, 2007.

CAMINERO-SANTANGELO, Marta. The lost ones: Post-gatekeeper border fictions and the construction of cultural trauma. In: *Latino Studies*, v. 8, n. 3, p. 304-327, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/lst.2010.27>> Acesso em: 04 dez. 2019.

CASTILLO, Ana. *The Guardians*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2007.

CHÁVEZ, Ernesto. *¡Mi Raza Primero! (My People First!): Nationalism, Identity, and Insurgency in the Chicano Movement in Los Angeles, 1966-1978*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2002.

CHÁVEZ, John R. *The Lost Land: the Chicano image of the Southwest*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1984.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. In: *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>> Acesso em: 06 fev. 2020.

FREGOSO, Rosa Linda; CHABRAM, Angie. Chicana/o Cultural Representations: reframing alternative critical discourses. In: *Cultural Studies*, v. 4 n. 3, p. 203-212, 1990. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09502389000490171>> Acesso em: 06 ago. 2018.

GÓMEZ, Laura E. *Manifest Destinies: the making of the Mexican American race*. New York: New York University Press, 2007.

GRISWOLD DEL CASTILLO, Richard. *The Treaty of Guadalupe-Hidalgo: a legacy of conflict*. Norman: University of Oklahoma Press, 1990.

JIMÉNEZ, Tomás R. *Replenished Ethnicity: Mexican Americans, immigration, and identity*. Berkeley: University of California Press, 2010.

LÓPEZ, Marissa K. Ana Castillo's "distinct place in the Americas". In: _____. *Chicano Nations: The Hemispheric Origins of Mexican American Literature*. New York; London: New York University Press, 2011.

MARTÍNEZ, Elizabeth. *De Colores Means All of Us: Latina views for a multi-colored century*. Massachusetts: South End Press, 1998.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

QUIÑONEZ, Naomi H. Re(Riting) the Chicana Postcolonial: from traitor to 21st century interpreter. In: ALDAMA, Arturo J.; _____. *Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

RINDERLE, Susana. The Mexican Diaspora: a critical examination of signifiers. In: *Journal of Communication Inquiry*, v. 29, n. 4, p. 294-316, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0196859905278495>> Acesso em: 03 out. 2017.

SOJA, Edward W. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1996.